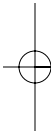
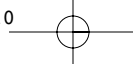


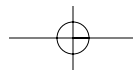
I

Nestes últimos dias evoco
a manhã inútil de tempestade. Deu-
-me a impressão de um fantasma
número de ordem inscrito e que figurava
no catálogo dos vivos: aquele rosto a
um tempo compassivo e feroz, imerso na desolada paisagem.
Inquieto, pressente o que representa a geometria:
longa ondulação de terreno lembrava a palma da
própria mão. Pelo fim da tarde
desaparecia nos campos; ceifaram os cereais
por isso faltava-lhe subitamente a coragem
para enfrentar tudo o que fôra a sua vida: acendi um fósforo,
existem objectos que conservamos sem saber porquê, à
rápida e frouxa luz reconheceu
o erro.



II

Encontraram-se na planície fronteira.
E a casa ficou destruída pelas chamas
na altura ninguém fez caso
não passava de mais um incêndio
ateado pela violência do vento; então
no alto mar da vida sentia, bem longe,
onde a face tece o seu próprio arco
o lugar de uma sepultura em terra.



III

Leite vinagre. Todas aquelas fotografias que
estavam no bar de Galaxidi
o casco do barco e os espelhos nas paredes
cor de salmão e negro e os ferros que
sustentavam os mármore; todas essas imagens
entreteciam-se nas mãos dos jogadores de tavli
e de cartas. Eram todos muito novos como
convém, para que
as suas figuras se espelhem
nas águas carregadas de saúde. Também em Galaxidi
os que são novos não sabem o que fazer para
queimar o tempo: mascam folhas de loureiro
de São Lucas, enroladas pelos monges em
pequenos montículos; dizem que é inebriante
e deste modo misturam os medievos dias de hoje
carregados de lixo e de técnica
com a suave ortodoxia bizantina e o oiro mais
longínquo que de Delfos desce até à mortal e doce
água de Galaxidi, no golfo de Corinto.

IV

Pousou a caneta com brusquidão. A mancha de tinta verde alastrou sobre o papel. Era manhã escura, chovia. A porta não se fechava; ficou ao largo da noite batendo no sono, cadeira em que se sentava ao alcance das respostas sem que pudesse evitar derrotas transferia poderes de dentro de si mesmo, anexava regiões ocultas, os muros cinzentos que se esboroavam sob o silêncio benigno. E levou os seus amigos separou a cada um a boa sorte da desdita, fê-los passar inabitáveis montanhas. Despiu a camisa e ofereceu-ma senti o seu cheiro quando a levei ao rosto; eu vi-o quando o respirei.

V

Não podes mudar, não vais além de indeléveis círculos
na superfície do destino
tal qual a água de estreito rio.
O fogo arde à sua volta: a chama
dá-lhe a extensão rugosa da tua paz: és
nesse momento
homem do teu fim; o que sustenta o crescimento das tuas unhas
a fractura dos ossos pisados
pelo dia do tempo — e não te será concedido outro
outra hora do dia
por aquele que te governa; encontra-o, procura-o
acende as fogueiras diante a fria noite
e deita ácidos para que se intensifiquem as chamas;
conheceste a dureza do desenho no rochedo do mar: o lume
apaga-se por si, o reflexo é a cinza do teu instante; repara,
nas dunas, os coelhos brancos e cinzentos e os coelhos pretos
comem as ervas sêcas do outono.